



“O CABOCO VELHO, ANTIGO, SABE BRINCAR. VAI RESPEITAR!”: A DIVERSIDADE DOS RITUAIS ESPIRITUAIS NA BRINCADEIRA DO MARACATU BAQUE SOLTO/RURAL

Mestre em Antropologia Sévia SumaiaVieira¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar um ensaio etnográfico sobre os aspectos de natureza religiosa e a diversidade dos rituais espirituais no contexto da brincadeira do maracatu baque solto/rural. O fio condutor da imersão neste universo foram minhas andanças pela Zona da Mata Norte de Pernambuco e pelos morros do Recife que resultaram no estudo comparativo entre duas brincadeiras: o Maracatu Rural Cambinda Brasileira (Engenho Cumbe, Nazaré da Mata-PE /fundado em 1918, é um dos mais antigos do Estado) e o Maracatu de Baque Solto Leão Brasileiro (Alto José Bonifácio, Recife-PE/fundado por conterrâneos da mesma região). Nesse movimento dos canaviais à capital, quase todo maracatu que se preza faz preparo espiritual. Alguns desses preparos ao longo do ciclo da brincadeira e à luz das narrativas dos próprios “folgazões” são os banhos de descarrego e de cheiro à base de ervas, cravo na boca, charuto, orações, preparo no bolso e objetos os mais variados são assentados para receberem o “calço”. Fumaçadas de cachimbo e charuto prescritas pelos mestres e caboclos da jurema, “aguações” de sal grosso, defumadores, receitas que trazem uma variabilidade de fórmulas - misturas com as ervas da jurema - também fazem parte das práticas rituais, de acordo com a necessidade individual e coletiva de cada maracatu.

Palavras-chave: Religião, Jurema, umbanda, tradição, patrimônio imaterial

ABSTRACT

This article aims to present an ethnographic essay about aspects of the religious nature and the diversity of spiritual rituals in the context of the practices of maracatu baque solto/rural. The common thread of my immersion in this world were my travels in Zone of the Zona da Mata Norte of Pernambuco and in the hills in Recife that resulted in a comparative study between two forms of play: the Brazilian Maracatu Rural Cambinda (the Sugar Mill Cumbria, Nazaré da Mata, PE / Founded in 1918, is one of the oldest in the state) and the Maracatu Baque Solto Leão Brasileiro (Alto José Bonifácio, Recife-PE/founded for countrymen in the same region). In this movement of sugarcane workers to the capital, almost any maracatu player worth his salt makes a spiritual preparation. Some of these preparations over the course of preparation revealed in their own narratives of "revelers" include cleansing in an herbal bath, clove in one's mouth, cigar, prayer, preparations in their pocket and the most varied objects to receive the "wedge". Cigar and pipe smoke are laid down by masters and “caboclos jurema”, baths of coarse salt, smokers, recipes that bring a variability of formulas - mixing herbs jurema - are also part of the ritual practices, according to the individual needs of each maracatu groups.

Keywords: Religion, Jurema, Umbanda tradition, intangible heritage

1. INTRODUÇÃO

¹ UFPE, vieira.seviasumaia@gmail.com

Nasci e cresci lá em Nazaré da Mata. Município da Zona da Mata Norte de Pernambuco, região de origem da brincadeira do maracatu baque solto/rural. No ano de 1997 cheguei no Maracatu Cambinda Brasileira, era eu “a menina da rua que gosta de maracatu”, e no terreiro da Cambinda descobri a antropologia, aprendi a pedir licença aos mestres e caboclos da jurema, protetores espirituais da brincadeira.

Desde essa época em que os “folgazões” de maracatu diziam: “a gente vai prosear assunto de maracatu”, e passaram a dizer: “vou dar uma entrevista”, do interior aos morros e altos de Recife, permaneceu o comentário freqüente: “maracatu é um brinquedo de muito segredo”. Mas que danado de segredo é esse? Indaguei. À medida que fui adentrando no universo da brincadeira e me apropriando de seu vocabulário próprio, ao comentar sobre o assunto “preparo” de maracatu, os “folgazões” sorriam, silenciavam e depois falavam em meio ao tempo acadêmico e o tempo da tradição.

Através da observação participante fiquei sabendo das consultas na mesa branca da jurema e o sentido de proteção para a brincadeira. Seria este seu legado espiritual de origem? E o que dizer da jurema preta? Disseram-me apenas que “a preta é que dá quentura! Aí vai outras erva”. Dando continuidade as buscas de outras pistas dos chamados segredos de maracatu, falei-me que as madrinhas e padrinhos espirituais - que se convencionou a chamar mãe e pai de santo - são procurados pelos folgazões... E na “mesa de trabalho da casa espírita”, seguem as consultas com pedido de proteção para si próprio e o maracatu como um todo brincar.

Quando realizei o estudo comparativo entre o Maracatu Rural Cambinda Brasileira e o Maracatu de Baque Solto Leão Brasileiro², a pesquisa de campo evidenciou que, dos canaviais à capital, quase todo maracatu que se preza faz preparo: resguardo sexual, banhos de descarrego e de cheiro à base de diversas ervas, cravo na boca, charuto, orações, e objetos os mais variados são assentados para receberem o “calço”. Nas consultas espirituais, além das fumaçadas de cachimbo e charuto, também são prescritas pelos mestres e caboclos da jurema, “aguações” de sal grosso e defumadores, receitas que trazem uma variabilidade de fórmulas -

² Este estudo comparativo resultou em minha dissertação de mestrado intitulada “Dos Canaviais à Capital: cabocarias de flecha, maracatus de orquestra, baque solto, rural...”, uma etnografia que versa sobre religião, economia e política.

misturas com as ervas da jurema - de acordo com a necessidade individual e coletiva do maracatu.

O foco deste ensaio etnográfico³ é o ciclo da brincadeira e seus preparos espirituais, ou seja, o “calço” individual e coletivo que costumam ser realizados tanto para as sambadas de maracatu quanto para as apresentações da brincadeira durante o período do carnaval. Mas para situar o leitor no universo mágico religioso das brincadeiras aqui etnografadas - Maracatu Rural Cambinda Brasileira e do maracatu de Baque Solto Leão Brasileiro - apresentarei um breve resumo sobre suas histórias de origem, trajetórias e espiritualidade.

2. ORIGEM E HERANÇA ESPIRITUAL DAS BRINCADEIRAS

O Maracatu Rural Cambinda Brasileira

O mito de origem do Cambinda foi marcado pela dificuldade coletiva de sobrevivência humana, a necessidade de saciar a fome dos trabalhadores rurais da palha da cana, moradores do Engenho Cumbe. Em tempos de “vacas magras”,

“no ano que foi fundada a brincadeira, o povo passando dificuldade até pra comer. O tempo das vacas magras. Teve um inverno rigoroso aí o rio transbordou. Os moradores do engenho foi tudo pescar. Aí as tarrafas vinha cheia somente de cambinda. Só se comeu cambinda por muito tempo. Com o acontecido da pesca, alguém disse: ‘vamos formar um maracatu e vai se chamar Cambinda Nova’ (...) por mode de ter formado o mais novo maracatu da região. Aí os povo teve comemoração (...)”⁴

O acontecimento da pescaria que deu origem ao maracatu, ficou registrado na memória dos antigos moradores do engenho que, oralmente, transmitiram de geração à geração. E a origem do brinquedo remonta há primeira década do século XX, mais precisamente em 1918. Na Chã de Cazumbá, propriedade do Engenho Cumbe, recordou o caboclo Zé de Rosa que há mais de 50 anos é folgazão de maracatu:

“A brincadeira do Cumbe foi formada em 1918. O primeiro dono daquele maracatu chamava Severino Lotero. Era dono e mestre. Brincou uns tempos, abandonou, não quis mais. Meu primo João Fulosino da Silva tomou conta, ficou como mestre também. Meu pai, mãe, minhas tia, contou. Eu muito criança, lembro ter visto uma vez. Aí botou o cunhado dele na brincadeira pra ensinar ele. Esse mestre chamava João Lauro. Até que João Fulosino afastou e chamou João Lauro pro lugar dele. Depois João Padre se juntou

³ Este ensaio etnográfico é baseado em um dos capítulos de minha dissertação de mestrado intitulado “Maracatu: que danado de segredo é esse?”



com João Lauro e ficou dono desse maracatu, porque ele foi apartado. Aí trouxe pra essa sede do Cumbe que tá hoje (...)"

A partir de então, o também trabalhador rural João Estevam, conhecido popularmente por João Padre, assume definitivamente o brinquedo, permanecendo à frente do maracatu como dono da brincadeira por cinco décadas consecutivas, até falecer em 1994, deixando D.B. - a madrinha espiritual do maracatu - juntamente com seu filho Joãozinho, encarregados de preparar e olhar a brincadeira do ponto de vista espiritual. Mas, esclarece D.B. que, antes de assumir o posto de madrinha espiritual da brincadeira, havia outra que trabalhava na mesa branca e com a falecida, aprendeu a “preparar maracatu”, acrescentando suas “certa parte de coisa” no preparo, referindo-se a introdução da jurema preta.

O MARACATU DE BAQUE SOLTO LEÃO BRASILEIRO

Na segunda metade da década de 50 do século passado, outra safra de trabalhadores rurais provenientes da Zona da Mata Norte de Pernambuco, largaram a dureza da vida na palha da cana para tentar a sorte na cidade grande em outro contexto do desenvolvimento industrial/ urbano brasileiro. E assim chegaram à capital pernambucana os que já eram folgazões de maracatu no interior e outros que em Recife passaram a ser, talvez, procurando resgatar a identidade da expressão cultural interiorana que parecia perdida, mas no fundo não havia deixado de existir.

Alguns folgazões componentes do Estrela, quando chegaram em Recife passaram a ser trabalhadores da construção civil. Entre cimento, pedra e cal, cerca de dez folgazões - dentre eles os aborrecidos com os dirigentes do Maracatu Estrela da Tarde - resolveram criar/ fundar um maracatu, impulsionados pelo mestre de obras e folgazão de maracatu João Calado. Durante a semana trabalhando na construção, encontravam-se:

“João Calado, Manuel de Taenga, João Calumbi, Otávio, Francisco Lopes, João Mateu, Sibiu Leite, Biu Pequeno, Manuel Leite e João Murilo. João Calado convidou para fazer um maracatu e a sede ia ser na casa de Calumbi. A gente ficou de pensar no nome pra ser escolhido na hora do almoço. Maracatu Leão Brasileiro e Otávio disse: ‘será que as autoridades vão aceitar esse nome’? E a gente disse que sim porque tem o nome do Brasil. E foi todos esses quem fundou o Leão Brasileiro”. (S.T.)

No processo de criação/ fundação, fiquei sabendo através dos próprios folgazões antigos do Leão da lembrança de Seu Otávio: “tem que ter casa pra ir”, referindo-se a uma casa

espírita. A resposta foi obtida entre um dos integrantes do grupo, dizendo S.T. que “isso não é problema. A minha esposa trabalha nesse assunto de espírito”, ficando o mesmo “encarregado pelo assunto”. Em 05 de junho de 2002, tive a oportunidade de perguntar sobre as correntes do Leão, respondendo-me S.T.:

“as corrente do Leão é Preto velho/ caboco índio. O guia de minha ex esposa era uma Preta Velha mas eu me entendia mais com o índio-africano, o segundo que chegava. (...) O trabalho na mesa branca parte caboco/jurema (...) Maracatu não pode andar em muito lugar, como casa de xangô. Casa que maracatu deve procurar é linha mesa branca. Jurema. Parte de caboco. Xangô não é apropriado para maracatu”.

Em 21 de setembro de 1969, aconteceu o Primeiro ensaio oficial da brincadeira, dia considerado pelos folgazões como a data oficial da fundação do Maracatu Leão Brasileiro. Sua trajetória espiritual foi marcada por quatro principais fases: 1) quando o Leão foi criado/fundado S.T. e sua esposa se responsabilizaram pelo aspecto espiritual da brincadeira, “aí eu falei com um dos mestres dela e ele se comprometeu a tomar conta do maracatu”; 2) a esposa de um amigo de S.T. começou a trabalhar na jurema, “aí eu falei com ela e disse: eu sei que a senhora já tá trabalhando, então, o que eu puder ajudar, eu ajudo. Agora a senhora vai ficar tomando conta do maracatu. Pronto. Aí ela ficou” até se tornar evangélica, quando deixou de fazer o preparo espiritual do Leão; 3) depois D.N. passou a dar consulta espiritual para o Leão até falecer em novembro de 2002.

3. O CICLO DA BRINCADEIRA E SEUS PREPAROS ESPIRITUAIS

A madrinha espiritual de uma brincadeira de maracatu no terraço de sua modesta casa, cantando, iniciou a conversa:

“O tempo já chegou (cantado). Foi porque os mestre disse que o tempo chegou. (...) os tempo de nós procurar ela, certo mesmo com força de caboco é setembro. (...) É na mata, porque só tem a jurema na mata. é o lugar onde se salvou os nossos índio. (...)serve pra remédio, serve para atrapalhão de corrente, serve pra limpeza, serve pra nossa defesa, (...) a jurema serve sabendo preparar (...), com aquele preparo dela com a semente, a folha, a raiz, tá com aquela força. (...)E para o banho tem de botar outras ervas. (...) pode ser amalva branca - é trabalho de mestre de mata - a liamba, a favaca

de caboco, a manjeriona, nós prepara aquilo tudinho, aí coloca na jurema. Essa é a parte da jurema branca”.(D.B.)⁵

A jurema branca representa também o sentido de limpeza e de defesa para a brincadeira de maracatu. No mês de setembro a colheita do arbusto com a força de caboclo, coincide, tradicionalmente, com o ciclo das sambadas. Ensaios de maracatu onde alguns integrantes das brincadeiras praticam rituais de caráter mágico-religioso, seja nas sambadas do tipo pé de barraca ou do tipo pé de parede.

Em se tratando do “calço” individual, isto é, o preparo espiritual do folgazão para as sambadas de maracatu, este se inicia com o resguardo sexual do mestre de maracatu. Prática que representa o sentido a limpeza do corpo, estende-se aos folgazões da brincadeira de ambos os sexos, mas hoje em dia, poucos são aqueles que a praticam. Além da abstinência sexual, antes de saírem para os ensaios, alguns caboclos de lança e algumas baianas tomam banhos com ervas aromáticas as mais diversas como, por exemplo, o manjeriçã, e os folgazões do sexo masculino trazem na boca ou em outra parte do corpo, galhos de arruda.⁶

Já o “calço” coletivo, são as consultas espirituais. No ano de 2002 presenciei uma dessas consultas em mesa de jurema tendo sido realizada para a sambada do tipo “pé de barraca”. A entidade perguntou aos presentes o motivo de estarem ali, e a resposta dada, “é que o maracatu vai dar um ensaio e nós queria que olhasse a brincadeira e no dia, desse uma passadinha por lá”. Após a solicitação ao mestre para “olhar o maracatu”, a entidade da mesa pediu aos presentes que deixassem por escrito o nome do maracatu, do mestre e de outros folgazões, ligados diretamente à brincadeira. E a folha de papel assentada em sua mesa de trabalho. No dia da sambada, presenciei o ritual de defumação e aguação do terreiro na sede da brincadeira. O folgazão responsável fez o sinal da cruz, rezou e acendeu uma vela branca de sete dias que, simbolizando um ponto aceso, foi assentada no chão, mas em local discreto da sede do maracatu ao lado direito para quem entra e esquerdo para quem sai. Foi preparado um defumador com alecrim seco, alfazema, amescla, incenso de igreja, mirra, palha de alho, raspa de chifre e casca de laranja e, depois de aceso, a defumação foi dada pelos cantos da sede e nas fantasias que lá se encontravam. O ritual foi finalizado com a “aguação” - água preparada com sal grosso pelo folgazão - jogada no terreiro da brincadeira em frente ao espaço físico da sede do maracatu.

⁵ Esta entrevista concedida por D.B. foi intermediada por mim a pedido de Rodrigo Güineward e conduzida por este último, para integrar a monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais de Marcos Alexandre Albuquerque (UFPB – Campus Campina Grande).

⁶ A arruda é uma das ervas que é usada no preparo da jurema.



Diferentemente do ritual para a sambada pé de barraca descrito acima, a madrinha espiritual do Cambinda Brasileira, disse-me que prepara uma mistura à base de ervas que não foram reveladas e sete dias antes as sambada, “vou lá e faço a aguação no terreiro”. No meio da semana,

“faço as “firmação” (rezas), pra pedir força pro mestre sambar bem e o ensaio acontecer na paz. Cambinda só brinca com o terreiro preparado. Nós faz a aguação com água preparada por mode preteger a brincadeira nossas das coisa ruim que alguém pode trazer. Isso tem desde os tempo de João Padre. Ele mesmo aprendeu com a outra mãe de santo do maracatu”. (D. B.)

Ela costuma fazer o mesmo ritual de “firmação” e preparo do terreiro tanto para as sambadas do tipo pé de barraca quanto para as do tipo pé de parede. Neste último caso, especificamente, presenciei parcialmente outro aspecto do ritual. No centro da madrinha espiritual encontrei velas acesas nas cores verde, roxa e branca,⁷ formando um pequeno círculo no chão. No centro do círculo havia uma pequena porção de sal grosso depositada diretamente no chão com o nome do mestre rival do maracatu escrito num pedaço de papel. Na parte externa do mesmo círculo, próximo às velas brancas acesas, outra porção de sal grosso num recipiente, juntamente com o nome do mestre do maracatu escrito num pedaço de papel. À esquerda da porção de sal, na parte externa do círculo, havia galhos de arruda num copo d’água para serem usados por alguns folgazões durante a sambada. A madrinha também preparou um banho à base de ervas⁸ para ser tomado por um dos folgazões - caboclo de lança - do maracatu. A planta foi esfregada diretamente na água que havia no balde e jogada no lixo com a mão esquerda.

Neste mesmo ensaio do tipo pé-de-parede que presenciei no ano de 1999, os folgazões se organizaram e com a brincadeira já formada, antes de começarem a fazer a “manobra”⁹, um charuto - possivelmente preparado - foi aceso por uma integrante do baianal. Baforadas de fumaça percorreram o interior do maracatu e em meio a fogos de artifícios, iniciou o ritual de chegada. O mestre de caboclo foi quem liderou a feitura da manobra e no decorrer da execução, cruzou o espaço físico da sambada num percurso de sete pontas, formando uma espécie de estrela humana, um ponto riscado com a manobra e/ou coreografia da brincadeira. Disseram-me que “é pra fechar o terreiro que nós vai brincar”, e é chamada pelos folgazões do maracatu de “Sino-Salomão”.

⁷ Não foi possível anotar todas as cores das velas, pois houve um tumulto na vizinhança e fui convidada a sair rapidamente do local por medida de segurança.

⁸ Não foi possível obter o nome das ervas, pois quem fez o preparo do banho preferiu omitir o nome das mesmas.

⁹ São as evoluções do maracatu.





Em Câmara Cascudo (1978:69,83), o rei Salomão é referenciado como a “garantia para a defesa do corpo humano” e seu amuleto vem representado por uma estrela de “cinco raios (Pentalfa) ou de seis raios (Hexalfa) ambas conhecidas como Selo ou sinal de Salomão, Sino-Salomão”. Completa o autor que, nenhum “espírito maligno ousa aproximar-se do lugar onde exista o Sino-Salomão”. A estrela representada através da manobra também traz o mesmo sentido de defesa e proteção, bem como o fechamento do terreiro, visando afastar na lógica dos folgazões, o atrapalho espiritual no interior da brincadeira.

Para brincar maracatu durante os dias de carnaval os folgazões também se preparam. A abstinência sexual prevaleceu nas narrativas dos folgazões tanto do Cambinda quanto do Leão como uma das regras à serem seguidas, sendo, “o se afastar de homem e de mulher”, uma das etapas de preparação do calço individual.

Outra etapa do calço individual são os banhos de “descarga” e de cheiro, tomado pelos folgazões no decorrer da semana pré carnavalesca. As receitas desses banhos, podem ou não ser prescritas nas consultas realizadas com a madrinha ou o padrinho espiritual de escolha pessoal dos próprios folgazões. Há casos dos banhos serem aprendidos tanto no decorrer da convivência na brincadeira quanto com os padrinhos ou madrinhas e até mesmo, herdadas de seus antepassados. O modo de fazer os banhos, principalmente o banho de cheiro, varia entre os folgazões e de acordo com as necessidades individuais para brincar o maracatu. Pois assim relatou-me um caboclo de maracatu C.C. em 1998:

“(…) toma banho de descarga. (...) pega sete qualidade de mato: pião, pião roxo, colônia, favaca de caboco, folha de manga, sal grosso e apipi. Prepara aquele banho de descarga. Ali ele se prepara. O bom mesmo banho de descarga é na segunda-feira mai tem na terça-feira. (...) Na sexta-feira ele toma outro banho de descarga. No Sábado toma um banho de cheiro. É o banho de limpeza. Bota mato cheiroso. Bota arruda, manjerição, macacá, perfume (referindo-se ao Seiva de Alfazema). Daqui toma um banho e se resguarda. No Domingo (referindo-se ao domingo de carnaval) prepara outro banho de limpeza. (...) arruda, manjerição, alho, só não bota o sal porque vai tomar o banho de cabeça. O banho de descarga é do pescoço pra baixo. O de cheiro é que toma do corpo todo. Troca a roupa e se toca na rua”.

C.C. aprendeu as receitas dos banhos de descarga e de cheiro com sua mãe, que costumava preparar os banhos para seu pai - o avô de C.C. - quando não menstruada. Pode-se perceber que a variabilidade da feitura dos banhos ficam ainda mais evidentes com a seguinte narrativa de seu Bubu:

“a gente quando vai brincar o maracatu, (...) toma banho de limpeza a semana todinha! O primeiro banho é de sal grosso. Toma dois banhos de sal grosso. Na segunda e na sexta-feira. Os outro é arruda, cravo branco, coisa





cheirosa, somente cheirando. Alfazema, bota dentro. O de sal toma do pescoço pra baixo. Os outro toma do corpo todo”.

Ao compararmos os modos de fazer o preparo dos banhos¹⁰ entre folgazões de maracatus distintos, percebe-se a manutenção do sal grosso, havendo variações e semelhanças entre as ervas por eles usadas, como por exemplo a arruda. Além disso, as fórmulas dos banhos encontram-se relacionadas as particularidades espirituais de quem faz.

A madrinha espiritual de uma das brincadeiras de maracatu se referiu a mistura da jurema preta como aquela que dá quentura! Chamando atenção para o preparo,

“Aí vem a jurema preta. Eu misturo com vinho, o pião roxo (referindo-se as folhas), a manjerona roxa, a liamba roxa, aí é outras erva. Lá vai o manjericão... E todas erva da jurema se ela levar o manjericão ela dá mais força ainda. Porque o rei das ervas na jurema é o manjericão. Mistura todas ela aí dá a dois mestre. É dois guia. A jurema e o manjericão. É o manjericão roxo. (...) É da folha pequena. Aí pega tudinho, tudo roxo. Não é a jurema preta! Aí vamos fazer o banho, vamos fazer a limpeza, vamos fazer o remédio! Se for pra beber é pra beber. Desse mesmo jeitinho. E se for pra tomar o banho é desse mesmo jeitinho (...)” D.B.¹¹

Percebe-se a diversidade das formas de fazer os preparos do maracatu, sugerindo, inclusive, que há uma inter-relação de temporalidade simultânea, articulada à autonomia da madrinha oficial da brincadeira que distribui entre os folgazões que a procuram para fazer os calços individual e coletivo feitos tanto na jurema branca quanto na jurema preta. Pois admite D.B. que “nem todo folgazão que brinca no maracatu que eu faço parte, vem fazer o calço comigo”. Esta distribuição é feita com o intuito de equilibrar a sintonia espiritual no interior do maracatu e, quando indaguei a D.B. sobre o preparo da jurema no universo da brincadeira que faz parte,

“a jurema branca é muito calma. (...) Não tem força. Ela tem conforto. (...) Aí pro miolo do maracatu, eu preparo na jurema branca. (...) o baianal, o mestre pra dá o conforto pra eles. Mas pro caboco que pula três dias não pode ter a jurema branca. Tem que ser a jurema preta por causa da quentura. Dá fogo pro camarada pular, dar aquela caída bonita de jogar aquela lança no ar, aquilo bonito, aquela tradição lida. (...) o caboco tá no ar, caindo, levantando, fazendo aquilo que ela tá pedindo pro corpo dele”¹².

¹⁰ Embora o banho e a consulta espiritual façam parte de uma das etapas do calço individual, isso não significa dizer que todos os folgazões de maracatu passem pelos rituais para brincarem o carnaval. Há caso de folgazões que só fazem o resguardo sexual e outros nem isso.

¹¹ Essa entrevista concedida por D.B. foi intermediada por mim a pedido de Rodrigo Güineward e conduzida por este último, para integrar a monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais de Marcos Alexandre Albuquerque (UFPB – Campus Campina Grande).

¹² Essa entrevista concedida por D.B. foi intermediada por mim a pedido de Rodrigo Güineward e conduzida por este último, para integrar a monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais de Marcos Alexandre Albuquerque (UFPB – Campus Campina Grande).



Os caboclos, o baianal, os reiamá, o mestre do maracatu e os batuqueiros do terno são os principais folgazões que procuram a “casa espírita” para se calçar no maracatu que D.B. faz parte. Como já foi dito, a escolha da “casa espírita” é pessoal, implicando na confiabilidade e na afinidade dos folgazões para com a escolha de seus padrinhos e madrinhas espirituais, variando ainda mais o modo de fazer o calço individual.

Mediante consulta à madrinha e suas entidades espirituais, objetos calçados os mais diversos - espécie de amuleto sagrado - são conduzidos pelos folgazões durante os dias de carnaval. E no processo de feitura do calço, entidades espirituais, acostadas, podem ou não acompanhar o folgazão. Os preparos feitos na jurema seja os objetos, os espíritos ou a junção de ambos, não são dados e sim emprestados. Conforme explica D.B.,

“Eu peço a meus folgazão quinze dia ou oito dia separado de mulher. (...) pega o cravo daqueles caboco todinho eu boto lá na minha jurema. Aí eu benzo todos lá na jurema. Hoje é Sábado de Zé Pereira. Aí chega meus folgazão pra pegar os cravo. Aí eu digo a eles. Que hora você vai sair de casa! Eu eu. Toma teu cravo. Na hora dele sair, eu mando um mestre sair tal hora. Tal hora vai sair um folgazão. Vá minha jurema (...) qualquer mestre que acompanhar aquele folgazão os três dias de carnaval. Aquele folgazão que brinca muito pesado, brinca três dias. Não sente cansa, dor nos ossos, dor de cabeça. Problema errado eles não pode chegar perto, se chegar ele arreja (...) porque ele não respeitou o calço que recebeu da jurema. O cravo e o mestre que foi acompanhar ele os três dia. Quando passa o carnaval aí cada cá vem me entregando os cravo que é para tirar os calço que a gente fez na jurema. Aí afasta aquilo tudo. Aqueles preparo que eu dei, que eu botei naqueles cravo, aqueles calço que eu fiz dentro da jurema pra eles, eu tô retirando tudinho de volta pra mim porque não é meu! Eu dei a eles emprestado pra três dia de carnaval. (...) Porque eu num benzi eles na jurema”?¹³

O empréstimo do calço é devolvido de preferência na quarta-feira de cinzas. Isso predominou nas narrativas tanto dos padrinhos ou madrinhas espirituais quanto dos folgazões veteranos, pois disse-me S.T. que “o certo mesmo é entregar na quarta-feira. Por mode de falta de tempo, tem gente que entrega depois. Só não é pra ficar, mode não dá probema. Tem de voltar na casa espírita que foi” .

O cravo calçado - exemplificado por D.B. - vem na dinâmica do tempo, perdendo de certa forma o sentido de objeto sagrado, tornando-se muito mais um elemento que faz parte da indumentária dos caboclos de lança. Entre os muitos, parece-me que pouquíssimos são os caboclos de maracatu que continuam usando o cravo como uma espécie de amuleto sagrado.

¹³ Entrevista concedida por D.B. foi intermediada por mim a pedido de Rodrigo Güineward e conduzida por este último, para integrar a monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais de Marcos Alexandre Albuquerque (UFPB – Campus Campina Grande).

Um processo que indica a desacralização no universo religioso do maracatu? Indagação que surgiu a partir das narrativas dos próprios folgazões e que foi esclarecido em setembro de 2002, através do depoimento de S.C. que, atualmente, reside no ambiente urbano:

“Tem. Teve isso. Tinha isso (...). Porque muita gente hoje, bota por enfeite, por fantasia. Mai antigamente, muita gente gostava de usar aquele cravo calçado (...). A pessoa recebia aquele negócio pra ele se preparar pra sair, quando era depois do carnaval ele tinha que voltar de novo que era pra descarregar aquilo que foi passado com ele. Foi um camarada daqui brincar lá no interior com um cravo daquele. (...) esse rapaz, toda vez que botava o cravo na boca, ele se manifestava! (...) naquele cravo tinha um negócio que toda vez que ele botava na boca, se irradiava, se manifestava! Aí meu irmão, experiente também, conheceu que o problema tava naquele cravo, aí quando ele tava radiado, aí pegou o cravo dele e jogou fora. Aí pronto. Cabou-se. Gostavam de usar aquele cravo calçado. Mais hoje o camarada usa por esporte”.

Estratégias da dinâmica interna nas brincadeiras para continuarem tentando preservar os chamados “segredos de maracatu”? Sei apenas que “caboco tem vários calço”, disse-me um caboclo de maracatu no início de minha trajetória no universo das brincadeiras, tentando esclarecer nas entrelinhas de sua narrativa, a tamanha variabilidade de objetos calçados, usados neste caso específico pelos caboclos de lança durante os dias de carnaval. Ainda em meados de 1997, o caboclo de lança C.C. chegou a comentar comigo que “caboco tem vários calço. Cravo na boca, charuto, preparo no bolso com erva de orixá. Ninguém sabe onde tá. Se sacode um mal na pessoa, pega naquele negócio e protege nós”.

Diferentemente do cravo, do charuto, do rosário, de moedas, das ervas preparadas pelas entidades espirituais, uma integrante do Maracatu Leão Brasileiro vai à casa espírita oito dias antes do carnaval,

“eu posso levar um colar, uma pulseira, qualquer negócio, boto lá no pé do santo. Nos assentamento faltando oito dias. (...) antes de eu ir pra sede do maracatu, eu vou lá apanhar. A minha mãe de santo bota no meu pescoço, me guarda. Eu passo os três dias de carnaval”.

O folgazão, caboclo de maracatu, não brinca sozinho - sem generalizações - mas com “algum espírito encostado, acompanhando ele”! Na casa de seus padrinhos ou madrinhas espirituais, “ela me dava aquele preparo pra eu tomar. É porque o espírito vem naquele preparo que ela dá. Não é pra beber não. É somente banho”. Banho de arruda, banho de manjeriço, banho cheiroso, preparados à base de ervas que após tomado, “o corpo ficava que nem uma pimenta. Eu batendo o chocalho, via aquilo nas minhas costa. (...) quando eu brincava, o meu caboco era um tal de (P.)”.



Relatou-me S.M. que no sábado à noite, ia buscar o preparo e no domingo pela manhã, tomava o banho antes de vestir a fantasia de caboclo, sem enxugar o corpo. O surrão ficava maneiro e depois do carnaval, “a gente volta lá que é pra ela tirar aquele material. (...) na quarta ou na quinta. Então chega lá, ela recebe o espírito dela, basta ela fazer assim em cima de você (gestos com as mãos passando pelo corpo), saiu”.

Poucos são os folgazões de maracatu que bebem da jurema preparada por seus padrinhos ou madrinhas espirituais com a “força de caboco”. Apenas “aqueles que tem tradição com a jurema” são os escolhidos para tomarem a beberagem. D. B. justifica que os folgazões quando bebem a jurema, estão “juremado os três dias de carnaval” e estando juremados, não podem ingerir bebida alcóolica, “aí não pode dar jurema pra eles porque pode errar! (...) ele pode entrevar, pode ficar sem fala, aí a gente só prepara as coisa dele pra jurema somente por fora. Por dentro nada. Eu não posso dar a ele pra botar por dentro”.

Resta-nos saber como no maracatu o preparo da jurema é feito por dentro, uma vez que D.B. chegou a mencionar que toma jurema os três dias de carnaval, buscando na beberagem a força para sustentar espiritualmente seus folgazões e o maracatu que faz parte.

Considerações finais

Criadas/formadas em contextos e épocas distintas, ambas as brincadeiras trazem a Jurema Branca como legado espiritual de origem. No balanço das águas da dinâmica cultural, a incorporação da Jurema Preta no Cambinda Brasileira e a hereditariedade dos chamados “segredos de maracatu” aos cuidados da madrinha espiritual dessa brincadeira, é o que faz a diferença. O Leão Brasileiro também vem fazer a diferença com a sua trajetória demarcada por três fases, os padrinhos e madrinhas espirituais que passaram pelo brinquedo, mantendo no contexto urbano a jurema branca no preparo espiritual da brincadeira e trazendo como adaptação à dinâmica do tempo o sacrifício de animais.

No universo de ambas as brincadeiras, a jurema não traz apenas a conotação do arbusto, da planta, da beberagem. Ela marca e demarca presença através das consultas às entidades espirituais, isto é, os mestres e caboclos da jurema protetores de maracatu, bem como pela diversidade no modo de fazer os calços individual e coletivo, que trazem uma variabilidade de ervas associadas ao preparo espiritual feito na jurema, seja ela branca ou preta.





REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria Elizabete Arruda de. **Cruzeiro do Forte: A brincadeira e o jogo de identidade em um Maracatu Rural**. Recife: UFPE, 1996. (dissertação)

ANDRADE, Mário de. “A Calunga dos Maracatus”. In: CARNEIRO, Edson. **Antologia de Negro Brasileiro**. Globo, 1950.

_____. **Danças Dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.

ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos. **Destreza e sensibilidade: os vários sujeitos da jurema**. (as Práticas Rituais e os diversos usos de um Enteógeno Nordestino. Campina Grande: UFPB, 2002. (monografia)

BENJAMIN, Roberto. **Maracatus Rurais**. Recife: IJNPS, Centro de Estudos folclóricos (Folclore 12), 1977.

_____. Maracatus Rurais de Pernambuco. In: PELLEGRINI FILHO, Américo (org). **Antologia do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Edart; Belém:UFBA; João Pessoa, UFPB, 1982

BONALD NETO, Olímpio. “Os Caboclos de Lança Azougados Guerreiros de Ogum”. IN: SOUTO MAIOR, MÁRIO & SILVA, LEONARDO DANTAS (org). **Antologia do Carnaval do Recife**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1991.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Melhoramento, 1979.

_____. **Meleagro: pesquisa de catimbó e notas da magia Branca no Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

GUERRA-PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. 2º Ed. Recife: Irmãos Vitali/ FCCR, 1980.

VIEIRA, Sévia Sumaia. **Dinâmica de Transmissão e Reprodução em um folguedo Popular: o caso do Maracatu Rural Cambinda Brasileira**. Recife: UFPE, 1999. (monografia)

_____. **Dos Canaviais à Capital: “cabocaria de flecha”, maracatus de orquestra, baque solto, rural....** Recife: UFPE, 2003. (Dissertação de Mestrado)



